

Psicanálise e Psicopolítica¹

Psicoanálisis y Psicopolítica

Mario Elkin Ramirez²

Traduzido por: Wanderley Chieppe Felipe³

Michel Foucault cunhou o termo biopolítica para designar o poder disciplinar que, a partir do século XVIII, tenta o domínio do vivo. Isso levou a uma política dirigida a disciplinar os corpos e administrá-los em prisões, manicômios, hospitais e, em geral, nos ambientes sociais: da família, da escola, do quartel, até mesmo na fábrica, passando, na atualidade, inclusive pelo chamado tempo livre, pela academia ou entretenimento.

A partir da psicanálise de orientação lacaniana, podemos verificar que este exercício foi possível com a condição de reduzir o sujeito a um organismo vivo. Mas Lacan demonstra que, no caso dos humanos, o sujeito se recusa a essa redução e pensa que seu ser não se iguala a seu organismo. Em vez de reconhecer-se como tal, o sujeito humano afirma ter um corpo. O corpo, mais além da biologia, é então uma construção psíquica: imaginária, simbólica e real. O que faz considerar que algo tenha escapado da biopolítica, porque mesmo que seus organismos tenham sido vigiados, punidos, disciplinados, explorados e mercantilizados, o psíquico escapou desse poder. O sujeito do inconsciente, ou como Lacan dirá muito mais tarde, o *falasser* escapou da biopolítica.⁴

Quando Lacan pensa a psicanálise freudiana, na primeira parte de seu ensino, introduz o termo sujeito para diferenciá-lo do eu e englobar o eu junto às outras instâncias psíquicas em uma nomeação superior, a do sujeito do inconsciente. A partir do estruturalismo marxista soubemos que somos sujeitos sujeitados à economia, atualmente ao capitalismo neoliberal. Através da linguística estrutural nos inteiramos que somos sujeitos sujeitados à linguagem e a psicanálise freudiana nos revelou que somos sujeitos sujeitados ao inconsciente.

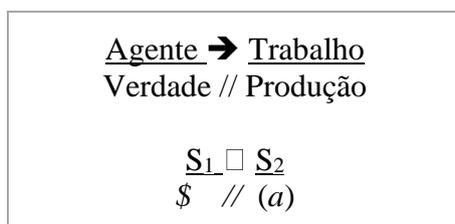
¹ **Psicoanalysis y Psicopolítica**, texto originalmente publicado em espanhol pelo autor, Prof. Dr. Mario Elkin Ramirez, do Departamento de Psicanálise da Universidade de Antioquia.

² Doutor em Psicologia pela Universidade de Buenos Aires, Mestre e Especialista em Psicanálise e Campo Freudiano na Universidade de Paris VIII. Membro da Associação Mundial de Psicanálise e da Nova Escola Lacaniana. E-mail: marioelkin@gmail.com.

³ Tradução para o português realizada pelo Prof. Wanderley Chieppe Felipe (com revisão da Prof.^a Dr.^a Ilka Franco Ferrari, doutora em Psicanálise, do Departamento de Psicologia da PUC Minas). Mestre em Educação, doutorando em Psicologia, professor do Departamento de Psicologia da PUC Minas. Pró-reitor de Extensão da PUC Minas (2007-2022). E-mail: wfelippe@pucminas.br.

⁴ No final de seu ensino Lacan introduz o termo *Parlêtre*, como um neologismo com o qual ele condensa em um único signatário, sendo o ser "être", a palestra "parler" e a letra "lettre"; dimensões que constituem o que ele havia designado antes, lendo Freud.

Para além da ressalva feita em relação ao organismo e ao corpo, nesse ponto a psicanálise coincidia em sua reflexão com a biopolítica, uma vez que não se parte de um sujeito fora dos condicionamentos linguísticos, sociais, econômicos ou inconscientes, mas de um sujeito vinculado a um determinismo, e para o qual o livre arbítrio ou a contingência teriam pouco espaço. Mas, em seguida, os estruturalistas rejeitaram a noção de sujeito de Lacan, quando este o integrou em sua teoria dos discursos a uma estrutura de lugares vazios que designam: o lugar do agente do poder, o lugar do trabalho, o da produção e o da verdade; lugares onde permutam, em uma determinada ordem, um número limitado de elementos: o significante mestre ou S_1 , o significante do saber ou S_2 , o objeto (a) que causa o desejo e condensa o gozo, e o sujeito, escrito $\$$, expressando quatro agenciamentos de poder e saber, por Lacan denominados: o discurso do mestre ou do inconsciente, o discurso universitário, o discurso histórico e o discurso do analista⁵. Lacan não cedeu aos estruturalistas e, em vez do “efeito” da combinatória dessa estrutura, manteve o termo sujeito.



Foucault fala de uma biopolítica, na qual o sujeito se reduz ao Bios sobre o qual um poder é exercido, encontrando sua expressão máxima no campo de concentração. A pergunta que habita a obra de Foucault é a pergunta pelo poder. Isso se reflete em todas as suas obras: *Vigiar e punir*, onde introduz a ideia do panóptico social, **História da loucura na idade clássica**, **Microfísica do poder**, **O nascimento da clínica**, associada ao olhar como paradigma médico, entre muitas outras obras.

Byung-Chul Han, filósofo sul-coreano formado na Alemanha, tem uma boa notícia, a de que estamos passando da biopolítica para a psicopolítica⁶. Estamos na sociedade do controle neoliberal que sucede à sociedade disciplinar. Esta política é algo mais sutil. O mestre mudou, não requer mais o campo de concentração, ele encontrou a gestão do *Big Data*. Como diz o filósofo citado: "A toupeira é um trabalhador, a serpente, pelo contrário, delimita o espaço a partir de seu movimento. A serpente é um empresário. É o animal do regime neoliberal"⁷.

A modernidade nasceu da coincidência do nascimento da ciência, do nascimento do capitalismo mercantil e da instauração dos valores da Revolução Francesa: *liberté, égalité, fraternité*,

⁵ LACAN, Jacques. **Le Séminaire**. Livre XVII, L'envers de la psychanalyse, Paris, Seuil, 1991.

⁶ HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica**, Barcelona, Herder, 2018.

⁷ *Ibid.*, p. 32.

liberdade, igualdade, fraternidade⁸. Para pensar a subjetividade que subjaz à modernidade, Lacan propõe o discurso do mestre ou do inconsciente.

No âmbito da sociedade disciplinar e de acordo com a lógica do discurso do mestre, o capitalista como S_1 e situado no lugar do agente, obrigava o trabalhador, situado no local de trabalho, a que, mediante seu saber S_2 e por meio de sua força de trabalho, produzisse objetos (a), situados no lugar da produção, e isso tinha como consequência que o sujeito dividido $\$$, do lado do mestre, se resguardasse no lugar da verdade.

Lacan, leitor de Marx, descobre que o segredo do capitalismo mercantil reside na equação: Matéria-prima + Meios de produção (a máquina) + Força de trabalho (do trabalhador) = Mercadoria, ou seja, um produto com valor de uso e valor de troca. O capitalista descobriu, e eis aí seu truque, que enquanto a Matéria Prima e os Meios de Produção exigiam despesas fixas e imodificáveis, a mais valia, o mais de valor que ele poderia cobrar pela mercadoria, provinha da força de trabalho não remunerada ao trabalhador. Daí sua exploração, o motivo da luta de classes que, para Marx, é o motor da história.

Para Lacan, essa mais valia o inspira, em sua reflexão psicanalítica, o mais-de-gozar dos objetos (a), ou seja, dos objetos de satisfação da pulsão, mais além do princípio do prazer, e que ele chama os objetos de gozo. Adiciona, então, aos objetos corporais, o seio e as fezes, que Freud elucidou como o objeto oral e o anal, um par de objetos incorpóreos: a voz e o olhar. Como reduto do processo de produção da subjetividade e cuja equação poderia ser: organismo vivo + linguagem = sujeito do inconsciente $\$$, separado dos objetos da pulsão (a). A essa mais valia Lacan chama de mais-de-gozar.

A particularidade dos quatro discursos é que, entre os lugares do discurso, há elementos lógicos fixos que estabelecem uma forma de vínculo entre os elementos que permutam por esses lugares. Assim, entre o lugar do agente e o do trabalho, ele coloca uma seta (\rightarrow) que define uma direção de domínio. De poder do elemento que está em primeiro lugar sobre o segundo na parte superior das barras. E, na parte inferior, entre o lugar da verdade e o lugar do produto, coloca uma barra dupla ($//$) que simboliza uma impossibilidade, um limite, chamado, em psicanálise, castração.

Entende-se, então, que, dessa forma, haja exploração do capitalista mercantil sobre o trabalhador, escrito no discurso do mestre: ali há um laço social, o da luta de classes. É a lógica da toupeira.

Mas na lógica da serpente neoliberal, que corresponde à hipermodernidade, ou seja, à modernidade elevada à sua expressão máxima, ou à chamada também por outros pensadores pós-modernidade, o acúmulo de capital não requer a exploração dos trabalhadores para apropriar-se da mais valia resultante de sua força de trabalho não remunerada. O dinheiro em si tornou-se uma mercadoria e o capitalismo financeiro emergiu de modo fulgurante, sem os pesados encargos sociais

⁸ RAMIREZ, Mario Elkin. **Conflicto Armado y Subjetividad**. Buenos Aires, Grama, 2017.

deixados pelo capitalismo mercantil, como salários, férias remuneradas, encargos previdenciários e de pensões, aposentadorias, além de outras conquistas sindicais e sociais que os trabalhadores haviam alcançado. Nada disso! Mais que a classe trabalhadora, hoje se fala da classe de desempregados, que cresce em nível mundial e em alta velocidade.

O capitalismo financeiro e neoliberal já não requer trabalhadores, mas consumidores de objetos, cuja produção é cada vez mais robotizada. Consumidores já não têm mais classe social, onde se realiza o valor da *égalité*, da igualdade. Todos iguais frente ao consumo, todos penhorando seu futuro, ao adquirir dívidas e hipotecas nos bancos, a fim de poder comprar os objetos oferecidos e produzidos com obsolescência programada.

Nesse sentido, cada vez menos é exigido da sociedade disciplinar, que se transformou, pouco a pouco, em uma sociedade do controle. Lá o biopoder se torna obsoleto e, em troca, se exige o psicopoder.

A astuta serpente neoliberal criou a Revolução Digital, saída de uma invenção da Segunda Guerra Mundial; a internet e os computadores agora marcam nossa subjetividade contemporânea, criando novas relações, através das mídias sociais e dos *Big Data*.

Em um mundo hiperconectado, já não se requer ambientes repressivos, negativizados, nem campos de concentração para dobrar as vontades. De forma sedutora, positivizada, cheia de *likes*, de *emojicons* sorridentes, apelando não mais à razão, mas às emoções, os próprios sujeitos, dócil e até entusiasta, inserem seus dados, em troca de contas gratuitas na internet, perfis, *etcétera*, e sem ler aceitam contratos longos e sutis, em que entregam suas preferências de consumo em todos os níveis.

No lugar do “grande irmão” da sociedade disciplinar, se coloca hoje o algoritmo da Inteligência Artificial, que distribui esses dados e os transforma em mercadoria e depois vende para empresas que, por sua vez, vendem os objetos ou serviços indicados em suas preferências e que, sem pedir, chegam ao seu computador e ao seu celular. Surgiu uma nova subjetividade, tudo está questionado.

A classe proletária e a classe média, ou pequena burguesa, tendem a desaparecer. O controle nacional do capitalismo financeiro já não é mais possível. As multinacionais vão livremente ao redor do mundo em busca de recursos naturais e consumidores de seus produtos em nível planetário.

A reconversão, então, dos desempregados agora se projeta sob uma nova ilusão. Todos empresários, todos empreendedores. Patrões de nós mesmos, sem chefes: é a realização máxima da *liberté*. É o império do eu e a derrota do sujeito. É a sociedade do narcisismo. Em vez do sujeito, surge o projeto livre que se reformula e se reinventa constantemente.

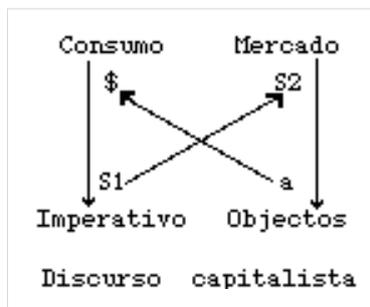
Nessa sutil psicopolítica, em que nada o obriga, emerge o império do sim sobre o império do não. Se você falhar na sua empresa não é culpa do capitalista ou do banqueiro, mas de você mesmo, empresário que não deu o seu máximo, não trabalhou o suficiente, não se capacitou o suficiente, a

culpa é sua, nós sempre dissemos sim. “Você pode”. “Agora está aí, com cérebro queimado e sem alcançar suas metas.”

“O eu como projeto - diz Byung-Chul Han-, que acredita ter-se libertado das coações externas e das coerções alheias, se submete a coações internas e a coerções próprias na forma de coação ao rendimento e à otimização” Há, portanto, uma mudança de topologia de fora para dentro. É a mudança de registro da intersubjetividade do laço social antigo, do mestre e do escravo, do capitalista e do trabalhador, para um registro intrapsíquico. O da relação entre o supereu e o eu. Não o ideal do eu, o cuidador do eu, mas o do supereu, como Lacan ensinou, em seu reverso do ideal, como uma instância obscena e feroz.

É a realização do que Nietzsche chamava o mestre moderno, o do burro que se carrega a si mesmo. O fracasso da empresa não se deve mais, supostamente, ao capitalismo selvagem, mas ao eu, empresário de si mesmo. “Vivemos em uma fase histórica especial - continua o filósofo -, em que a liberdade do poder fazer gera ainda mais coações do que o poder disciplinar do dever. O dever tem um limite. O poder de fazer, pelo contrário, não tem não”⁹.

Como a psicanálise pensa hoje essa mudança na subjetividade contemporânea? Lacan propôs, anos depois, um pseudodiscurso como uma aberração do discurso do mestre. O discurso capitalista. Bastou que dois elementos, o sujeito barrado $\$$ e o significante mestre S_1 mudassem de lugar, em uma ordem imprevista.



Isso resultou em uma destruição das relações lógicas pré-estabelecidas na subjetividade. Assim, o sujeito barrado que estava no lugar do agente, como no discurso histórico, não tem mais o lugar de comando, porque a mudança de lugares alterou a relação, o laço agora está rompido, pois a direção não é mais do lugar do agente para o lugar de trabalho, mas vem do lugar do produto até o lugar do agente: $(a) \rightarrow \$$. O declínio do pai em nível social fez com que o objeto (a) , condensador do gozo, fosse elevado ao zênite social. É o império do objeto e não do significante mestre S_1 . Portanto, o imperativo não é mais do capitalista ao trabalhador: “trabalha”, mas do mercado que diz do objeto ao sujeito: “consome”.

⁹ *Idem, ibidem.*

Da mesma forma, a partir desse sujeito barrado, baixa uma flecha ao significante mestre, agora no lugar da verdade: $\$ \rightarrow S_1$, que pede ao capitalista para colocar a ciência para produzir mais objetos que o sujeito consumirá. $S_1 \rightarrow S_2$ e $S_2 \rightarrow (a)$. Isso consegue passar, removendo a barra dupla (//) que antes separava os elementos localizados entre o lugar da verdade e o do produto. O discurso capitalista foraluiu a castração e agora diz: “não há limites, apenas faça”, “consume sem regras”, é o império do gozo sem lei.

A castração, a proibição fundante sobre a qual se construíram as estruturas elementares de parentesco está em questão no discurso capitalista. A negatividade foi derrotada e agora a inseminação artificial, a procriação assistida, as crianças de proveta, a clonagem, o tráfico de órgãos, fala sobre tudo isso; mas os direitos que vêm para dar suporte a toda essa nova paisagem vêm a confirmar: há o direito ao casamento igualitário, à adoção homossexual, ao aborto, agora toda mulher sozinha tem o direito de ter um filho da ciência. Depois todo homem sozinho também terá esse direito. E uma gama de desconstrução do gênero regido pelo patriarcado se abre, e agora os direitos para toda essa diversidade serão reconhecidos perante a lei.

A lógica moebiana do discurso capitalista exige que o consumidor acabe consumido pelo produto, o sujeito também se torna mercadoria, seus dados, suas imagens, sua intimidade, etcétera. No paradigma do capitalismo, o grande campeão do consumo é o drogadito, um consumidor consumido pelo objeto com o qual goza, e produzido por multinacionais do narcotráfico e pelos laboratórios de drogas sintéticas. A tendência é de que todos os consumidores sejamos aditos ao produto que consumimos: a comida, a bebida, os jogos, a diversão, seja qual for o produto que consumimos, por sua vez nos consome.

Neste horizonte do nosso tempo, que destino terão aqueles que não consomem, seja por miséria ou por alternativa? E cujo paradigma clínico seria a anorexia, aquela que não come nada.

Alguns autores já vislumbraram a mão do neocolonialismo, a instalação da necropolítica¹⁰, ou seja, o planejamento político da eliminação sistemática de não consumidores, dos miseráveis, dos párias da terra. Para isso, campos de concentração caros, como a biopolítica, não são mais necessários; por outro lado, existem os vírus, as pandemias, a fome, a promoção de guerras intestinas para vender armas, entre outros meios maquiavélicos.

Enquanto isso, a pequena *fraternité* é esmagada e os Direitos Humanos cada vez mais são considerados como um luxo de esquerdistas.

Do lado da psicanálise, tampouco há que se esperar muita coisa. Diante da psicopolítica, ela só tem sua voz e sua reflexão para elucidá-la, questioná-la, em seus pequenos âmbitos: em sua clínica do um a um, no pequeno círculo de influência, nas universidades, nas Escolas de psicanálise e nos

¹⁰ MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. Barcelona, Melusina, 2011.

meios que se invente para a difusão da psicanálise, como contraexperiência do capitalismo, como subversão do sujeito, mas renunciando a toda utopia comunitária.

REFERÊNCIAS

- FOUCAULT, Michel. **El poder psiquiátrico**. Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica, 2007.
- FOUCAULT, Michel. **Hermenéutica del sujeto**. Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica, 2006.
- FOUCAULT, Michel. **Historia de la locura en la época clásica**. Bogotá, Fondo de Cultura Económica, 1994.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica del poder**. Madrid, Ediciones de la piqueta, 1992.
- FOUCAULT, Michel. **Naissance de la clinique**. Paris, Presses Universitaires de France, 1963.
- FOUCAULT, Michel. **Vigilar y castigar**. México, Siglo XXI, 2005.
- HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica**, Barcelona, Pastor, 2018.
- LACAN, Jacques. **Le Séminaire**. Livre XVII, L'envers de la psychanalyse. Paris, 2017.
- MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. Barcelona, Melusina, 2011.
- RAMIREZ, Mario Elkin. **Conflicto armado y subjetividad**. Buenos Aires, Grama, Seuil, 1991.

O presente ensaio toma como referência o conceito de Biopolítica, cunhado por Michel Foucault, e discute a sua limitação, tendo em vista que a noção de corpo, mais do que meramente um organismo, é uma construção imaginária, simbólica e real (cf. proposto por Jacques Lacan), o que leva o psíquico a escapar dessa redução. Apresenta-se o conceito de Psicopolítica, tal como explicitado pelo filósofo sul-coreano Byung-Chul Han. A partir daí, discute-se o lugar do sujeito, na atualidade hipermoderna, lançando-se mão da teoria dos discursos de Lacan. É focalizado, de modo especial, o discurso do capitalista para se poder compreender onde e como se insere o trabalhador nessa nova lógica. Recorrendo à Teoria da Mais-valia, de Marx, aplicada ao estágio do capitalismo financeiro e neoliberal, Lacan, em um deslizamento metonímico, no qual se vale da imagem da serpente que delimita seu espaço pelo movimento, propõe a transformação da mais valia no mais-de-gozar, em que tudo é possível, sem limites. O apelo do capitalista é "consuma sem regras", instaurando o império do gozo sem lei. O sujeito trabalhador, que se acredita com poderes ilimitados de consumo é o único que fracassa e não tem a quem culpar, a não ser a sua própria incompetência. Como pano de fundo, apresentam-se os valores da Revolução Francesa, que perdem seu sentido ou se transmutam em liberdade absoluta.

Este ensayo toma como referência el concepto de Biopolítica, acuñada por Michel Foucault, y discute sus límites, teniendo en cuenta que la noción de cuerpo, más que un mero organismo, es una construcción imaginaria, simbólica y real (cf. Jacques Lacan), o que lleva el psíquico a huir de esta reducción. Se presenta el concepto de Psicopolítica, tal como lo explica el filósofo surcoreano Byung-Chul Han. A partir de ahí, se discute el lugar del sujeto en el presente hipermoderno, introduciendo en la teoría los discursos de Lacan. Se enfoca, de manera especial, en el discurso capitalista para poder comprender dónde y cómo se inserta el trabajador en esta nueva lógica. Recorriendo la Teoría del Mayor Valor de Marx, aplicada a la fase del capitalismo financiero y neoliberal, Lacan, en un desliz metonímico, al utilizar la imagen de la serpiente que delimita su espacio por el movimiento, propone la transformación del mayor valor, no más -para disfruta, porque todo es posible, sin límites. El llamado del capitalista es a "consumir sin reglas", instaurando el imperio de la alegría sin ley. El pequeño sujeto trabajador, al que se le atribuyen poderes ilimitados de consumo, es el único que falla y no tiene a quien culpar sino a su propia incompetencia. Como trasfondo, presentamos los valores de la Revolución Francesa, que pierden su sentido o se transmutan en la libertad absoluta.